

Catequeses Teresianas

XIV

A pessoa com auto-estima *desmedida*, que se coloca por cima de tudo e de todos, não suspeita – como os heróis da *Iliada* de Homero – que as consequências do seu orgulho a irão vergar quando chegar a sua vez de padecer. Esquece que o seu alarde e a sua vanglória são devaneio fugaz. Faz lembrar os jogadores de futebol a celebrarem espalhafatosamente um golo, vindo, porém, a perder o jogo no fim: “de que serve ganhar o mundo se se perde a alma?” (Mc 8,36). Teresa aconselharia: no jogo da vida podemos alegrar-nos com o golo marcado e celebrar moderadamente a pequena vitória; mas até à vitória final é tempo de luta, mesmo nas sétimas Moradas. O sofista grego do séc. V a.C. Protágoras dizia: “O homem é a medida de todas as coisas”. Mas o contemporâneo Platão respondeu-lhe: “Nada imperfeito é medida de alguma coisa” (*República*, VI, 504c), “Deus é a medida de todas as coisas” (*Leis*, IV, 716c). O jovem rico do evangelho terá pensado que a sua riqueza era a medida da sua vida e o seu deus. Não precisava de outro deus. Não precisava de seguir Jesus. Tinha o *eu* satisfeito com o “cumprimento de tudo isso”, todos os mandamentos. Estava “muito carregado com esta terra da nossa miséria, que não levam os que sobem aos aposentos que faltam” (3M 2,9). Mas o quotidiano duro e cru põe à prova o amor: “Quando já parece que haviam de estar senhores do mundo..., prova-os Sua Majestade em coisas não muito grandes, e andam com tanta inquietação e aperto de coração” (3M 2,1). É questão de excessivo «carregamento» e, logo, de falta de liberdade. Para a fé bíblica, Senhor da história e medida da vida humana é Deus libertador em Jesus. Sem humildade e sem alma, o nosso *eu* tem o poder de transformar os outros em coisas e de os petrificar. O humilde vai pela vida, consciente da verdade nua do seu *eu*: “o caminhar que digo é com grande humildade” (3M 2,8).

O realismo de Teresa conduz a pessoa a contemplar a própria grandeza enquanto imagem de Deus, mas também a descer à cave escura do *eu* profundo e narcisista (como ela teve de fazer durante quase vinte anos, depois da profissão no mosteiro da Encarnação), para aí desmascarar baixezas e aceitá-las. Só podemos mudar o que tivermos aceitado e assumido. Em duas palavras, o ser humano visto em Deus é de dignidade elevadíssima, mas em si é vulnerável. Os que aceitam consciente e realisticamente as limitações do seu *eu* não julgam ninguém, porque a sua fragilidade pode deixar entrar golos na própria baliza. Aprendem a virtude da humildade e a oração de recolhimento.

P. Armindo Vaz, OCD